

Mailson, entusiasmando os banqueiros

MOISÉS RABINOVICI
Enviado especial

NOVA YORK — O vice-presidente do Citibank, George Clark, foi quem resumiu a impressão dos outros 103 convidados à palestra do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, na manhã de ontem, na Sociedade das Américas, em Nova York:

“Parabéns. Suas opiniões são muito sensatas. Faltava uma liderança na área econômica no Brasil, e ela agora já existe”.

A plateia aplaudiu demoradamente, como lembrou para alguns repórteres um diretor do Chase Manhattan Bank, Kevin Corrigan, ele próprio muito entusiasmado com o ministro Mailson:

“Terrific, terrific” (“Incrível, incrível”) — espantava-se Corrigan descrevendo Mailson. “É um sopro de ar fresco na confusão da economia brasileira.”

Proibidos de entrar, alguns repórteres ouviam a descrição do primeiro contato do ministro Mailson da Nóbrega com os representantes do sistema financeiro internacional, reunidos no American Society, cuja fachada estava enfeitada com as bandeiras norte-americana e



brasileira. “Foi muito aplaudido. Ele nos pareceu muito sensato, realista.”

Gerentes de bancos brasileiros em Nova York confirmavam a boa impressão provocada por Mailson, e repetiam a intervenção final, para um raro elogio, do vice-presidente executivo do Citibank, George Clark, que é o chefe do presidente do comitê assessor dos bancos credores, Bill Rhodes.

Rhodes também assistiu à palestra, mas chegou atrasado, ficando um pouco mais para uma conversa com o ministro Mailson da Nóbrega, sempre acompanhado do embaixador brasileiro nos EUA, Marçílio Marques Moreira, e de seus principais assessores. Ao sair, Rhodes não se mostrou tão otimista e não confirmou os rumores de que o Brasil mais tarde faria mais um pagamento de juros que ainda deve de janeiro, num total de Cz\$ 580 milhões. E nem de que as negociações estivessem num momento final. Quando um repórter lhe perguntou se os credores aceitariam os US\$ 6 bilhões que o Brasil contrapôs à oferta de US\$ 5 bilhões, para fechar o pacote de médio prazo, ele respondeu:

“Deixa eu colocar desta forma: estamos fazendo muitos progressos, mas ainda continuaremos a negociar nas próximas semanas”.

Num momento de sua palestra, o ministro Mailson da Nóbrega resumiu: “Não se pode negar as dificuldades pelas quais a economia brasileira está passando no presente momento. Elas são bem conhecidas. Não adianta procurar enfrentar estas dificuldades por meio de artificios fantasiosos ou milagres. As políticas adotadas apontam na direção correta: fortalecimento do setor exportador, desregulação, política monetária adequada, controle mais estrito das despesas públicas mediante a utilização de todos os instrumentos à nossa disposição, principalmente por meio do

orçamento recentemente unificado, implementação gradual de reformas estruturais, normalização progressiva das relações com a comunidade financeira. Em outras palavras, o Brasil está fazendo o que pode para restaurar a confiança em sua economia, o que é um pré-requisito para a retomada do investimento em níveis adequados e para a criação de novos empregos. Esperamos que investidores, tanto no Brasil quanto no Exterior, compreendam plenamente o esforço que está sendo feito e reajam de uma forma positiva e construtiva”.

Este foi um dos momentos aplaudidos. Um banqueiro afirmou, no entanto, que não foi o discurso, por si só, que criou o entusiasmo pelo ministro Mailson da Nóbrega. “Foi a nova maneira de tratar da dívida brasileira. Da nova linguagem usada.” “Para ele, importante para o elogio final do vice-presidente do Citibank foram também as perguntas, que giraram em torno da nova relação do Brasil com o FMI, principalmente, e sobre controle de preços e novos mecanismos de conversão da dívida. Mas houve uma pergunta que destoou das demais, segundo o ex-presidente do Banco do Brasil em Nova York, Lino Otto Bohn: “Alguém quis saber por que os carros brasileiros enviados para os Estados Unidos estão equipados com carburadores brasileiros, e não americanos, como seria o certo”. Lino disse que a resposta de Mailson foi tranqüila, “dando a volta por cima”.